



A cultura do maracatu: subsídios para a educação ambiental nas escolas

The maracatu culture: subsidies for environmental education in schools

La culture de maracatu: subventions pour l'enseignement environnemental dans les écoles

Suênnia Keylla de Araújo Lima¹
Universidade de Pernambuco

Múcio Luiz Banja Fernandes²
Universidade de Pernambuco

Resumo: A Educação Ambiental deve se realizar de forma diferenciada em cada meio para que se adapte às respectivas realidades, trabalhando com seus problemas específicos e suas soluções próprias em respeito à cultura, aos hábitos, aos aspectos psicológicos, à característica biofísicas e socioeconômicas de cada localidade. Nesse sentido, o estudo descrito neste trabalho buscou investigar as potencialidades da cultura do Maracatu no fortalecimento da prática em Educação Ambiental numa escola de Ensino Médio de Nazaré da Mata–Pernambuco/Brasil. Na investigação, utilizou-se a abordagem quali-quantitativa, seguindo os procedimentos da pesquisa-ação. Os resultados obtidos com a pesquisa permitiram constatar que para que a sala de aula seja um ambiente mais atrativo e significativo para os alunos, é importante que no processo de ensino aprendizagem o professor tome como base a região em que estes se encontram, atrelando-a a sua comunidade, essa prática desenvolverá valores e costumes que levarão à transformação nos aspectos naturais e sociais para a conservação do meio ambiente, necessário à qualidade de vida e a sua sustentabilidade.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Cultura. Educação Ambiental.

Abstract: Environmental Education must be carried out differently in each environment so that it adapts to the respective realities, working with its specific problems and its own solutions with respect to culture, habits, psychological aspects, the biophysical and socioeconomic characteristics of each location. In this sense, the study described in this work sought to investigate the potential of Maracatu culture in strengthening the practice of Environmental Education in a High School in Nazaré da Mata – Pernambuco / Brazil. In the investigation, the quali-quantitative approach was used, followed by the action research procedures. The results obtained with the research showed that for the classroom to be a more attractive and meaningful environment for students, it is important that in the teaching-learning process the teacher takes as a base the region in which they are, linking it to your community, this practice will develop values and customs that will lead to the transformation in natural and social aspects for the conservation of the Environment, necessary for the quality of life and its sustainability.

Keywords: Environment. Culture. Environmental education.

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco, pós-graduada em Educação Ambiental pela Universidade de Pernambuco e Licenciatura Plena pela Universidade de Pernambuco. *E-mail:* keylla2005@bol.com.br. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/4218073658675109>. *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-1509-034X>.

² Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco, *campus* Mata Norte. *E-mail:* mucio.banja@upe.br. *Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/6241347351581121>. *ORCID:* <http://orcid.org/0000-0003-2156-860X>.

Resumen: L'éducation environnementale doit être menée différemment dans chaque environnement afin qu'elle s'adapte aux réalités respectives, en travaillant avec ses problèmes spécifiques et ses propres solutions en ce qui concerne la culture, les habitudes, les aspects psychologiques, les caractéristiques biophysiques et socio-économiques de chaque lieu. En ce sens, l'étude décrite dans ce travail a cherché à étudier le potentiel de la culture maracatu dans le renforcement de la pratique de l'éducation environnementale dans un lycée de Nazaré da Mata - Pernambuco / Brésil. Dans l'enquête, l'approche qualitative a été utilisée, suivant les procédures de recherche-action. Les résultats obtenus avec la recherche ont permis de vérifier que pour que la salle de classe soit un environnement plus attractif et plus significatif pour les élèves, il est important que dans le processus d'enseignement-apprentissage l'enseignant prenne comme base la région où il se trouve, en la reliant, pour votre communauté, cette pratique développera des valeurs et des coutumes qui conduiront à la transformation des aspects naturels et sociaux pour la conservation de l'environnement, nécessaire à la qualité de vie et à sa durabilité.

Palabras clave: Medio ambiente. Cultura. Educación ambiental.

Recebido em: 12 de maio de 2020

Aceito em: 05 de Julho de 2020

INTRODUÇÃO

Os problemas ambientais têm causado grandes danos à natureza e são decorrentes, principalmente, da ação inadequada do homem, que vem contribuindo para a degradação do meio ambiente.

Boa parte dos problemas ambientais tem suas raízes em fatores sociais, econômicos, políticos, culturais e éticos.

Por essa razão, o lócus da Educação Ambiental não é apenas o aspecto ecológico de uma dada questão ambiental, mas também se caracteriza por incorporar as dimensões socioeconômicas, políticas, culturais, históricas, entre outras.

Segundo Berna (2011), o ensino da Educação Ambiental está intimamente associado à cultura, pois sem identidade cultural, pouco importa saber que o patrimônio da coletividade, seja ambiental, arquitetônico, histórico, cultural, a própria rua, a praça, está sendo ameaçado ou destruído. À medida que os educandos não se sentem donos desses espaços coletivos que são considerados como terra de ninguém ou como pertencentes aos governos, também não se mobilizam em sua defesa. Assim, não há nenhuma sensação de perda diante de uma mata que deixa de existir ou de um rio poluído, pois a população residente, em sua maior parte, por não ter identidade cultural com o lugar em que vive, também não se sente parte dele.

Vivemos na Zona da Mata Norte Pernambucana, um local que transcende a cultura

e a tradição, região dos engenhos que dominaram a economia pernambucana no período colonial e que apresenta um rico conjunto de manifestações folclóricas e culturais através dos quais se delinea a história da região. E nesse contexto surge o Maracatu Rural que representa a força do homem e da mulher pernambucana, que não é apenas uma brincadeira, é amor, é alegria, é raiz e é resistência. É coletividade, não tem gênero, nem idade, é religião, é desprendimento e é realidade.

Dessa forma, a presente pesquisa investigou as potencialidades da cultura do Maracatu como ferramenta de fortalecimento da prática em Educação Ambiental, buscando interações entre a cultura do Maracatu e a sua contribuição para Educação Ambiental numa escola de Ensino Médio de Nazaré da Mata.

Esta pesquisa foi orientada pela abordagem quali-quantitativa, pois percebemos a importância da articulação das abordagens entre si.

Quanto aos procedimentos, a investigação utilizou como metodologia a pesquisa-ação, uma vez que esta ocasiona a descoberta de novos conhecimentos para a aplicação de um aprendizado orientado para resolução de problemas precisos (RICHARDSON; RODRIGUES, 2013).

A pesquisa-ação quando realizada na educação se torna uma estratégia para o desenvolvimento de professores e de pesquisadores que podem utilizar suas pesquisas para melhorias em seu ensino e, inclusive, para a aprendizagem de seus alunos (SILVA, 2017).

O interesse para realização desta pesquisa se baseou no seguinte problema:

Em que medida a cultura do Maracatu pode ser vivenciada como ferramenta da Educação Ambiental?

Associada a esse problema, aponta-se a problemática que abarca diferentes dimensões, sobretudo, a necessidade de buscar novas alternativas motivacionais que agreguem valores da cultura local e da sua vivência para facilitar o processo do ensino e da aprendizagem no ambiente escolar.

Essa problemática foi identificada através de uma investigação exploratória realizada no contexto das pesquisas ambientais voltadas à Educação, assim como, na necessidade da escola, locus de pesquisa, no que se refere em buscar interações entre a cultura local e a sua contribuição para a Educação Ambiental.

Nesse sentido, esta pesquisa teve como objeto teórico de estudo a Educação Ambiental e como objeto empírico, a cultura do Maracatu Rural.

Em relação ao objeto teórico e empírico é interessante considerar como subsídio, a Lei nº 11.645/08 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e a história e cultura indígena no currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio das

escolas brasileiras e a Lei de Educação Ambiental nº 9.795, que aborda em seu art. 2º a Educação Ambiental como componente essencial e permanente da Educação Nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em caráter formal e não formal.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, inicialmente foi utilizada a observação participante das aulas de diversas áreas de conhecimento do Ensino Médio na escola de referência do Ensino Médio Maciel Monteiro, a fim de analisar como está sendo trabalhado o tema Educação Ambiental no Ensino Médio.

De acordo de Minayo (1993), a observação participante é um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica.

Para descobrir potencialidades na Cultura do Maracatu como ferramenta educativa utilizamos entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas, compostas por seis questões abertas, foram aplicadas aos estudantes do Ensino Médio do escola de referência do Ensino Médio Maciel Monteiro localizada no Município de Nazaré da Mata do estado de Pernambuco.

Optamos pela escola de referência do Ensino Médio Maciel Monteiro como sujeito da pesquisa por se tratar de uma escola tradicional que, apesar de se localizar no centro da cidade, tem um público de um nível socioeconômico baixo, com renda *per capita* reduzida que moram nos bairros periféricos e na zona rural.

Na análise dos dados utilizamos o programa de *software* NVivo, que permite o tratamento e a análise de dados qualitativos recolhidos sobre a forma de entrevistas, documentários, imagens, testemunhos e documentos, entre outros formatos, e a obtenção de categorias de análise, nós ou unidades de sentido, matriz de categorias, estrutura de conceitos ou mapa conceitual.

Candau e Anhorn (2000, p. 2) afirmam que "hoje se faz cada vez mais urgente a incorporação da dimensão cultural na prática pedagógica".

Dessa forma, esta pesquisa tornou-se relevante, uma vez que contribuiu para a formação de cidadãos críticos e aptos a decidirem e a atuarem na realidade socioambiental de modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade local e global, assim como para incentivar o acesso à Educação Ambiental e à cultura local para todas as classes sociais como determinante na construção da cidadania.

Fundamentação teórica: Educação Ambiental e cultura do maracatu

Educação Ambiental

A educação não deve ser celeiro de conteúdo, ela implica em transformação, construção de um ambiente social e ecologicamente agradável a todos. Na educação, construímos conhecimentos e adquirimos informações que são base para a mudança no comportamento do indivíduo em prol do meio ambiente, e a Educação Ambiental é um instrumento dirigente de transformação, tendo em vista que, para se ter qualidade de vida, é preciso conservar e preservar o meio ambiente.

De acordo com Fernandes (2010), a Educação Ambiental ajuda a identificar os problemas que afetam a qualidade de vida das pessoas, além de encontrar soluções e alternativas para resolver as questões ambientais que afetam a comunidade. Com o seu caráter renovador e revolucionário ativa o consciente da cidadania e de luta pelos nossos direitos.

Educação essa que deve ser iniciada nos primeiros anos de vida, ainda em casa, quando as crianças aprendem, com os exemplos dos pais, como deverão agir no presente e no futuro. Depois, na escola, a Educação Ambiental deve continuar fazendo parte do dia a dia das crianças, dos adolescentes e dos jovens, seja inserida nas diversas disciplinas e conteúdos, interdisciplinarmente, seja no ambiente escolar, na convivência com professores, diretores e demais funcionários da escola. Mais do que ensinar termos técnicos e definições, é dever da escola ensinar a amar o ambiente, a reconhecê-lo como um lar, respeitando-o e preservando-o.

Segundo Guimarães (2004), a Educação Ambiental deve se realizar de forma diferenciada em cada meio para que se adapte às respectivas realidades, trabalhando com seus problemas específicos e suas soluções próprias em respeito à cultura, aos hábitos, aos aspectos psicológicos, às características biofísicas e socioeconômicas de cada localidade. Entretanto, deve-se buscar compreender e atuar simultaneamente sobre a dinâmica global; ou seja, as relações que aquele ecossistema local tem com os ecossistemas vizinhos e com o planeta Terra como um todo, e também as relações políticas e econômicas daquele local com o exterior, para que não haja uma alienação e um estreitamento de visão que levem a resultados poucos significativos; ou seja, agir consciente da globalidade existente em cada local.

Na mesma linha de pensamento, Candau (2005) afirma que não basta mais lutar apenas contra as desigualdades socioambientais, mas é preciso também buscar estratégias onde as diferenças culturais possam coexistir de forma democrática dessa forma, a escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e lhe confere identidade e relativa autonomia é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes

culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações.

Vygostsky (1991), em consonância com Candau (2005), infere que quando o aluno vem para o ambiente escolar já traz consigo informações, vivências e experiências culturais que não podem ser desprezadas, mas trabalhadas para que haja assimilação e entendimento delas pelos alunos.

A escola assim concebida será um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e de linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo.

Assim, a Educação Ambiental deve ser, acima de tudo, um ato político voltado para a transformação social, capaz de transformar valores e atitudes, construindo novos hábitos e conhecimentos, defendendo uma nova ética, que sensibilize e conscientize sobre a necessidade de formação da relação integrada do ser humano, da sociedade e da natureza, aspirando ao equilíbrio local e global como forma de melhorar a qualidade de todos os níveis de vida (CARVALHO, 2006).

Cultura do Maracatu

Como não poderia ser diferente, a história do Maracatu contribui com a história do nosso país. Apesar de existirem muitas visões, histórias e hipóteses diferentes, a explicação mais difundida entre os estudiosos acerca da origem do Maracatu é a de que ele teria surgido a partir da Instituição Mestra através da qual a coroa portuguesa “autorizava” os negros, escravos ou libertos a elegerem seus reis e rainhas. A cerimônia de coroação acontecia no dia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em frente às igrejas, sendo presidida por um pároco indicado pela coroa. Os eleitos como Rainhas e Reis do Congo eram lideranças políticas entre os cativos: intermediários entre o poder do Estado Colonial e as mulheres e homens de origem africanas. Dessas organizações teriam surgido muitas manifestações culturais populares que passaram a realizar encontros e rituais em torno dessas representações sociais originando manifestações populares como o Maracatu.

De acordo com Lima (2019), para autores como Guerra Peixe o que permaneceu no Maracatu é visto como a tradição possuidora de vínculos diretamente ligados ao passado e, por isso mesmo, detentora do status de “legítima” e “autêntica”.

Essa tradição representa uma continuidade do passado, pois dessa maneira há a consolidação de certezas da longevidade e da permanência de algo com raízes remotas, mesmo que não seja possível demarcá-las com exatidão (PEIXE, 1988).

Atualmente, o Maracatu permanece existindo e resistindo como expressão cultural característica do Estado de Pernambuco, ao mesmo tempo tradicional e dinâmica, num constante processo de transformação.

Os dançarinos do Maracatu representam personagens históricos, três figuras principais abrem o cortejo: O Mateus, a Catirina e a Burra, ainda à frente da agremiação, a Bandeira ou Estandarte apresenta o grupo. O cortejo tem uma corte real, ricamente paramentada com vestimentas ao estilo Luís XV, em que se vêem muitos elementos de importante simbologia e singularidade visual, como é o caso da calunga: boneca usualmente feita de cera e madeira que representa um importante ancestral da nação, sendo também associada à proteção espiritual. Essa boneca é carregada por uma importante figura da corte, chamada “Dama do paço”.

Além desses, existem ainda outros personagens importantes na corte como os príncipes e as princesas, o Arreimá, que lembra o índio guerreiro, traz nas mãos um machado e utiliza penas de pássaros em sua vestimenta demonstrando o seu elo com a natureza, assim como os caboclos de lança, figura exótica carregada de magia e beleza que se apresenta ao público com uma gola ricamente bordada, uma enorme cabeleira colorida e uma lança comprida ornada de fitas (a guiada); chocalhos presos ao surrão, sob a imensa gola, promovem uma orquestração corporal. Suas manobras (danças), são um constante vai e vem ao redor do cortejo protegendo a agremiação.

Corroborando a nossa linha de pensamento, Silva (2012) afirma que o Maracatu representa a grande história do Brasil, cada personagem do Maracatu está presente na história do Brasil e na memória do povo. O Arreiamá, que é o índio do Maracatu, lembra o índio guerreiro. Ele utiliza penas de pavão em sua vestimenta para mostrar a sua ligação com a natureza.

O Maracatu também conta com rei, rainha e princesas: uma corte que retrata a influência europeia. Já a dama de passo, que caminha na frente, leva uma boneca negra: a calunga, uma protetora, ligada ao candomblé, uma religião de origem africana.

Ao mesmo tempo, a evolução dos foliões seria herdeira do movimento de uma procissão católica. "O Brasil não é uma coisa justaposta, de um lado a África, de outro lado América, de outro a Europa. É essa mistura", completa Severino Vicente.

O cortejo do maracatu constitui-se em um imponente espetáculo que envolve, além de toda a riqueza estética e simbólica, uma intensa musicalidade.

Nesse universo, dois tipos de maracatu são identificados: o Maracatu Rural, também conhecido como Maracatu de Baque Solto e o Maracatu Nação, também conhecido como Maracatu de Baque Virado.

O Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado é uma forma de expressão que surgiu há três centenas de anos e que apresenta um conjunto musical percussivo e um cortejo real.

Segundo Lima (2014), o Maracatu Nação pode ser definido como uma manifestação cultural dotada de elementos diversos. Dispõe de dança, canto, fantasias e estilo musical próprio. Uma melhor definição pode ser tomada pelo aspecto de que a palavra ‘maracatu’ serve tanto para nomear a música feita por essa manifestação, bem como para a dança e o cortejo propriamente dito. Por falar na música, esta é cantada por um homem, denominado genericamente como mestre. Ele é acompanhado dos batuqueiros, que tocam afayas (os tambores), caixas, taróis, mineiros (espécie de ganzá) e gonguês (instrumento de ferro com uma campânula percutida por um pedaço de madeira).

Os grupos são compostos basicamente por negros e negras e carregam elementos essenciais para a memória, a identidade e a formação da população afro-brasileira.

O Maracatu Rural, ou Maracatu de Baque Solto, distingue-se do Maracatu Nação por sua organização, seus personagens e seu ritmo. Ele é uma manifestação folclórica com origem no estado de Pernambuco. Tem como principal símbolo o caboclo de lança. O Maracatu Rural significa para seus integrantes algo mais que uma brincadeira: é uma herança secular, motivo de muito orgulho e admiração. É formado por pessoas simples, principalmente por trabalhadores rurais que, com as mesmas mãos que cortam cana, lavram a terra e carregam peso, também bordam golas de caboclo, cortam fantasias, enfeitam guiadas, relhos e chapéus; dedicando-se ao bem mais valioso que possuem: a sua cultura, conforme expresso na Figura 1, que representa como são confeccionadas as indumentárias do Maracatu Rural:

Figura 1: Confeccção das indumentárias do Maracatu Rural



Fonte: Elaboração própria, 2018

Fotos: Suênnia Keylla, 2018

O cortejo do Maracatu Rural diferencia-se dos outros maracatus por suas características musicais próprias e pela essência de sua origem refletida no sincretismo de seus personagens. A orquestra é formada por instrumentos de percussão e de sopro.

Os mais antigos maracatus foram criados em engenhos de Nazaré da Mata (Zona da Mata de Pernambuco), onde seus fundadores eram trabalhadores rurais, trabalhadores do canavial e cortadores de cana-de-açúcar, entre fins do século XIX e início do XX.

Dentro do Maracatu Rural podemos encontrar diversos personagens que retratam a história do nosso país e a memória do nosso povo, conforme expresso na Figura 2:

Figura 2: Personagens do Maracatu Rural



Caboclo de Lança (A)



Mateus (B)



Catita (C)



Arreimá (D)



Rei e Rainha (E)



Dama do Paço (F)



Índia (G)



Baiana (H)



Mãe de Santo (I)



Princesa (J)



Luminista (L)



Baiana (H)

Fonte: Elaboração própria, 2018
Fotos: Suênnia Keylla, 2018

É possível até ao observador mais distraído perceber a forte presença dos elementos da natureza como os animais e as flores nas apresentações do maracatu rural. Esse fato pode ser explicado pela sua crença religiosa de origem africana que coloca a natureza como o poder mais elevado, entendendo a necessidade de respeitar a natureza e honrar o sagrado vínculo entre os elementos naturais e os seres humanos. Para o maracatu, seja ele nação ou rural, os orixás, ou as divindades, são reconhecidos como a divina energia da natureza.

O conhecimento dos estudantes acerca da cultura do maracatu como ferramenta da educação ambiental

Sentir-se parte integrante do Meio Ambiente, necessitando viver em equilíbrio e em respeito com ele e, ao mesmo tempo, ser social, atuante, sujeito de sua própria história é fundamental na época presente. Nesse contexto, a Educação Ambiental (EA) “que tem por finalidade abrir espaços que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos e de todas as espécies e sistemas naturais com os quais compartilhamos o planeta ao longo dos tempos” (SORRENTINO, 2005, p. 288) assume relevante papel na sociedade e, principalmente nos espaços educacionais, sendo apontada por Guimarães (2004) como instrumento para o enfrentamento da crise socioambiental.

Para começar um processo de aprendizagem na Educação Ambiental, deve-se estimular os alunos a expressarem a leitura dos ambientes em que vivem, como a sua casa, a sua escola, a sua igreja e o seu bairro. Nesse sentido, Freire (1975, p. 11) diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra; daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Na mesma linha de pensamento, Dias (2010) afirma que a aprendizagem será mais significativa se a atividade estiver adaptada concretamente às situações de vida real da cidade ou do meio em que o estudante está inserido, ao reconhecer os saberes que os estudantes possuem em sala de aula, leva-os a compreender, a construir hipóteses e a discutir criticamente, os novos conhecimentos que serão construídos.

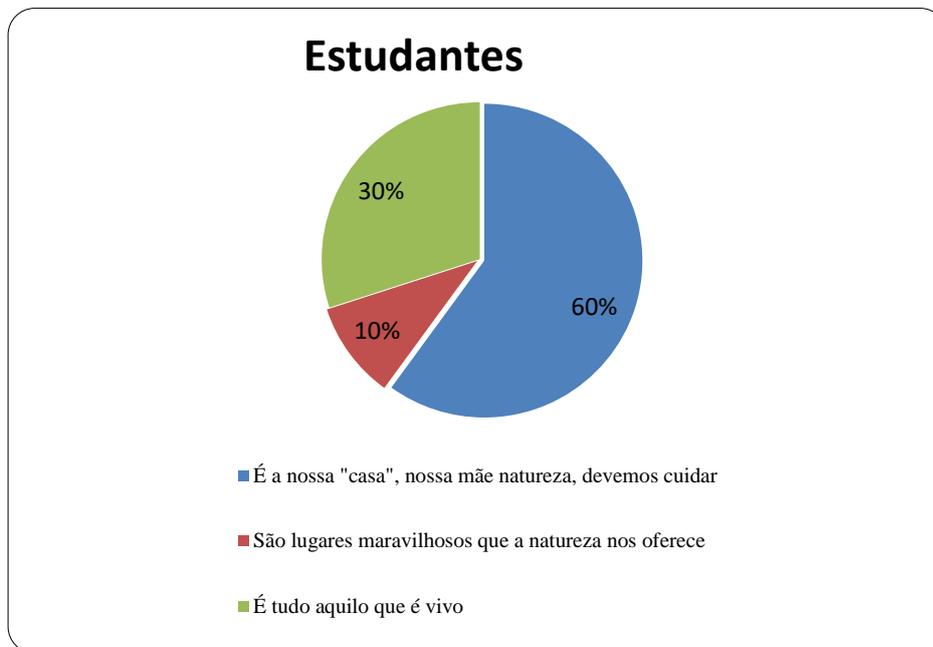
Com base nesse pressuposto, percebemos o Maracatu Rural como um forte aliado da Educação Ambiental. Ao relacionarmos o Maracatu com a educação e com a natureza estamos possibilitando o acesso à educação para todos os níveis de ensino como determinante da cidadania, criando indivíduos críticos, reflexivos e aptos para atuarem na realidade socioambiental.

Nesse sentido, os estudantes foram questionados acerca de temas relacionados à Educação Ambiental e à cultura do Maracatu Rural.

Quando questionados sobre o que entendiam por meio ambiente, 60% dos estudantes

entrevistados afirmaram que o meio ambiente é a nossa “casa”, nossa mãe natureza, que devemos cuidar, enquanto 10% disseram que meio ambiente são os lugares maravilhosos que a natureza nos oferece e para 30% meio ambiente é tudo aquilo que é vivo, conforme Figura 4.

Figura 4: Amostra sobre o que é Meio Ambiente



Fonte: Elaborado pelos autores

As falas que melhor representam esse resultado são as seguintes:

E12 – “É a nossa ‘casa’, nossa mãe natureza, que devemos cuidar e dar mais atenção, pois o nosso Meio Ambiente esta morrendo”.

E23 – “Meio Ambiente para mim é preservar a natureza, cuidar bem das plantas, dos animais de todos seres vivos”.

Os percentuais nos permitem perceber que a maioria dos estudantes tem conhecimento sobre o tema e demonstra amor e respeito à natureza e que esse sentimento pode auxiliar na Educação Ambiental, por meio de práticas que incluam o reconhecimento das especificidades dos estudantes, possibilitando que estes interajam com o meio ambiente com o propósito de o melhor.

Preservar o meio ambiente é um ato importante não só para a humanidade, mas para todos os seres que habitam a Terra. Afinal, é nele que estão os recursos naturais necessários para a sobrevivência, como água, alimentos e matérias-primas. Sem esses

recursos, todas as formas de vida do planeta poderão acabar.

No tocante ao que os alunos têm feito para melhorar ou conservar o ambiente em que vivem, 70% afirmaram que jogam o lixo no local adequado, enquanto 30% disseram que limpam o quarto, cuidam da casa, desligam a torneira ao escovar os dentes e sempre que podem andam de bicicleta, conforme Figura 5:

Figura 5: Amostra sobre o que se tem feito para melhorar e/ou conservar o ambiente em que vive



Fonte: Elaborado pelos autores

A fala que melhor representa esse resultado é a seguinte:

E21 – “Não jogo lixo no meio da rua, guardo no bolso porque senão futuramente irá nos prejudicar”.

De acordo com os dados obtidos, foi possível constatar que, de modo geral, todos os estudantes têm se preocupado em conservar o meio ambiente, apesar de a maioria ter relacionado o descarte adequado do lixo à preservação ambiental, demonstrando que é necessário mais informação sobre o meio ambiente. Nesse sentido, a Educação Ambiental será uma grande aliada visto que "entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do Meio Ambiente, bem de uso comum

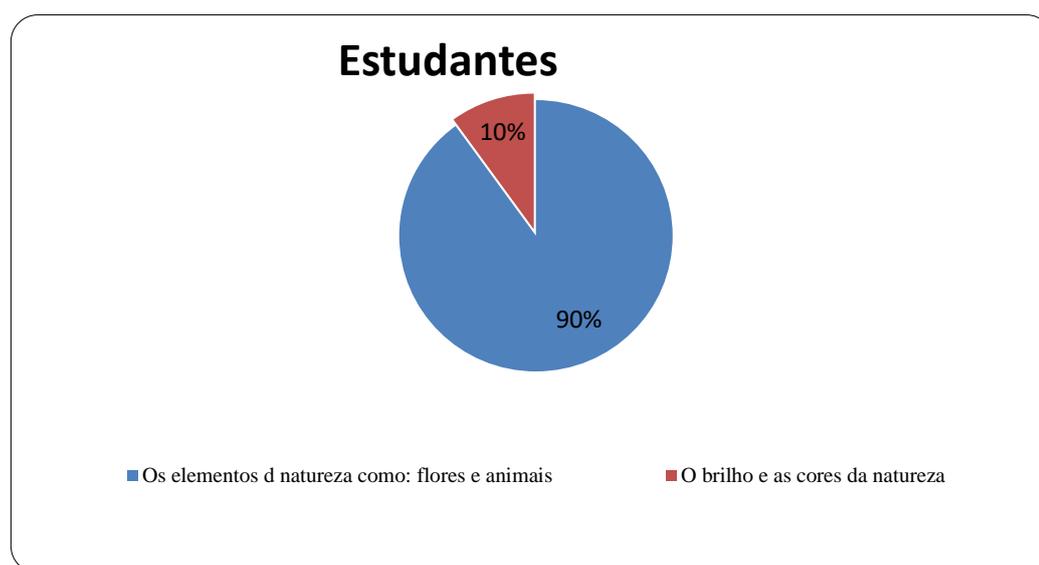
do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade." (PNEA, 1999)

Nesse sentido, Sato (2002) afirma que o aprendizado ambiental é um componente vital, pois oferece motivos que levam os alunos se reconhecerem como parte integrante do meio em que vivem e faz pensar em novas alternativas para soluções dos problemas ambientais e ajuda a manter os recursos naturais para as futuras gerações.

Na mesma perspectiva, Carvalho (1993) infere que para construirmos valores mais solidários e garantirmos o direito à vida, para a nossa e para aquelas que virão, não basta ser amigo das árvores e dos animais, é preciso criar práticas sociais efetivamente democráticas e solidárias na relação entre os homens.

Já quando indagados à respeito do que na natureza melhor representa o Maracatu, 90% dos estudantes disseram que seriam os elementos da natureza como: flores e animais, enquanto 10% afirmaram que seria o brilho e as cores da natureza. Conforme Figura 6:

Figura 6: Amostra sobre o que na natureza representa melhor o Maracatu



Fonte: Elaborado pelos autores

As falas que melhor representam esse resultado são as seguintes:

E2 – “O céu, pela imensidão de conhecimentos que o maracatu nos proporciona, as flores, pela diversidade de cores existentes no maracatu”.

E28 – “As flores pela quantidade de cores nas vestimentas, os animais representados em desenhos e até no nome dos grupos do Maracatu”.

E7 – “O leão que é um animal de força, de autoridade na natureza, a mesma coisa é nosso maracatu”.

Fundamentados nesse resultado, pudemos inferir que os estudantes reconhecem a simbologia da natureza dentro do Maracatu Rural demonstrando que esse grande elo pode dar um excelente suporte à Educação Ambiental .

Ao serem perguntados se o Maracatu pode ser uma ferramenta para auxiliar a preservação da natureza, 100% dos estudantes entrevistados afirmaram que sim e que seria por meio dos seus versos, visto que o Maracatu é algo que chama a atenção e que tem uma grande função social, além de representar as cores, os animais e as flores da natureza, conforme a nuvem de palavras, Figura 7:

Figura 7: Nuvens de palavras sobre o Maracatu como ferramenta para auxiliar a preservação da natureza



Fonte: Programa NVivo

As falas que melhor representam esse resultado são as seguintes:

E2 – “Sim, porque no maracatu existem mestre que falam sobre a natureza e nos ensina a cuidar do meio ambiente”.

E29 – “Sim, porque numa apresentação ele mostra as cores vivas que a natureza também tem e alguns deles são representados com algum animal”.

E3 – “Sim, o Maracatu é algo que chama a atenção e pode conscientizar as pessoas”.

E5 – “Sim, através dos versos nas suas loas do Maracatu”.

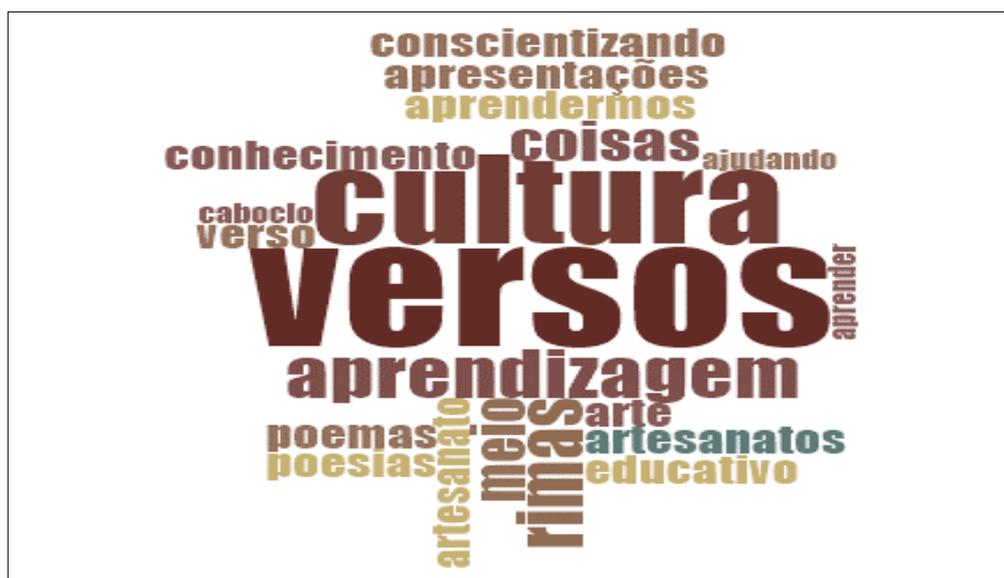
Conforme exposto nos resultados é possível perceber que, por meio dos seus versos e

de suas apresentações, o Maracatu Rural é capaz de levar muito conhecimento sobre diversos assuntos, principalmente sobre o cuidado ambiental, demonstrando a sua importância como uma ferramenta educativa.

Ao estabelecermos uma conexão entre os processos da educação formal com a educação não formal estamos contribuindo para a formação de estudantes críticos, reflexivos e comprometidos com as questões socioambientais.

Quando questionados a respeito de como o Maracatu pode contribuir para o processo educativo, 90% dos estudantes entrevistados disseram que o Maracatu poderia contribuir usando seus versos para retratar diversos temas, inclusive a cultura da nossa cidade, enquanto 10% afirmaram que poderia ser através do seu artesanato, conforme a nuvem de palavras, Figura 8:

Figura 8: Nuvens de palavras sobre a contribuição do Maracatu no processo educativo



Fonte: Programa Nvivo

As falas que melhor representam esse resultado são as seguintes:

E17 – “Ele pode contribuir com os versos ajudando as pessoas a conhecer a nossa cultura”.

E23 – “Através de versos, poemas e rimas”.

E13 – “Pode contribuir com os versos e o artesanato”.

Verificou-se através das entrevistas dos estudantes que a cultura do Maracatu, sem

dúvida, pode ser uma ferramenta educativa da Educação Ambiental no contexto escolar, uma vez que cria formas especiais de comportamento, muda o funcionamento da mente, constrói andares novos no sistema de desenvolvimento do comportamento humano, como afirma Vygotsky(1991).

A Educação Ambiental e a cultura Maracatu juntas favorecerão a formação de estudantes participativos, criativos, solidários e com uma consciência crítica do real papel do ser humano no ambiente em que vive.

Quanto a relação Maracatu/natureza/educação, 90% dos estudantes entrevistados acham que é uma boa relação, enquanto 10% afirmou que é uma relação muito boa, conforme nuvem de palavras, Figura 9:

Figura 9: Nuvens de palavras sobre a relação Maracatu/natureza/educação



Fonte: Programa NVivo

As falas que melhor representam esse resultado são as seguintes:

E27 – “É uma boa relação, o maracatu tem relação com a natureza pelos versos e tem relação com a educação pela cultura e seus conhecimentos”.

E16 – “O Maracatu e a Natureza estão sempre em ligação, seja no animal representado na bandeira, quanto nos versos dos mestres”.

E9 – “Eu acho que é boa, eles estão ligados e que assim irá valorizar a nossa cultura”.

E3 – “Sim, eu vejo como uma boa relação... Através do maracatu, um verso cantado pelo mestre, pode trazer muita aprendizagem, então tem tudo a ver com a educação, os dois andam em conjunto como uma aliança, maracatu fala da natureza e traz conhecimento”.

Em um mundo marcado por diversas perspectivas e ênfases, o papel da educação é fundamental, pois incide no imaginário coletivo, nas mentalidades, nas representações das identidades sociais e culturais presentes na nossa sociedade.

Nesse sentido, a função da escola vai muito além de repassar o que está nos livros, há muitas coisas que não estão nos livros e que precisam ser ensinadas aos estudantes. É necessário ensinar valores, o que antes era responsabilidade somente da família, hoje passa a ser responsabilidade também da escola, pois é nesta que a maioria dos estudantes passam maior parte do tempo.

Para Vygotsky (1991), os jovens são o resultado de suas experiências e da troca com o outro. Para compreender seu desenvolvimento é preciso considerar o espaço em que elas vivem, a maneira que constroem significados.

Com base nesse pressuposto, valorizar a cultura dos estudantes, as suas vivências e as suas crenças e relacionar com a Educação Ambiental, produzirá novos conhecimentos que são a base para a transformação socioambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscou-se investigar as potencialidades da Cultura do Maracatu como ferramenta de fortalecimento da prática em Educação Ambiental numa Escola de Ensino Médio de Nazaré da Mata, visando promover uma Educação Ambiental voltada para a construção da cidadania.

Considerando aspectos sociais, culturais, políticos e históricos, a Educação Ambiental possibilita uma visão não só local, mas também nacional e planetária.

Assim, quando a Educação Ambiental explora os vínculos existentes entre identidade, cultura e natureza, leva-nos a tomar consciência de que, por meio da natureza, encontramos parte de nossa própria identidade humana, de nossa identidade de ser vivo entre os demais seres vivos, pois carregamos dentro de nós a essência da natureza que é a vida, e só temos vida quando cuidamos do meio em que estamos inseridos.

De acordo com os dados obtidos, foi possível constatar que a cultura, sem dúvida, pode ser uma ferramenta educativa da Educação Ambiental no contexto escolar, ela possibilitará a criação de condições e de alternativas que estimulem os estudantes e a sociedade como um todo a ter concepções e posturas cidadãs, cientes de suas responsabilidades e, principalmente, perceberem-se como integrantes do meio ambiente.

Juntas favorecerão a formação de estudantes participativos, criativos, solidários e com uma consciência crítica do real papel do ser humano no ambiente em que vive.

Nesse sentido, Candau (2005) afirma que no momento atual também se faz necessário reinventar a educação escolar, para que possa oferecer espaços e tempos de ensino-aprendizagem significativos e desafiantes para os contextos sociopolíticos e culturais atuais, e as inquietudes de crianças e jovens.

Não basta mais lutar apenas contra as desigualdades socioambientais, é preciso também buscar estratégias em que as diferenças culturais possam coexistir de forma democrática, dessa forma, a escola deve ser concebida como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica que a distingue de outras instâncias de socialização e que lhe confere identidade e relativa autonomia é a mediação reflexiva daquelas influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações.

Percebe-se também a importância de estabelecer uma conexão entre os processos da educação formal com a educação não formal, com o objetivo de compor um conjunto articulado e aberto às possibilidades de Educação Ambiental, que seja desenvolvida em uma perspectiva crítica, envolvendo ações de sensibilização para que, dessa forma, o processo de ensino-aprendizagem ocorra espontaneamente, contribuindo para a formação de um cidadão autônomo, crítico, reflexivo e comprometido com as questões socioambientais.

Nesse sentido, a Política Nacional de Educação Ambiental também reconhece a necessidade das práticas de Educação Ambiental, que transcendam o espaço escolar, estendendo-se à sociedade como um todo e a Lei Federal nº 9.795, em seu art. 2º afirmam: “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999).

Preservar o meio ambiente é um ato importante não só para a humanidade, mas para todos os seres que habitam a Terra. Afinal, é nele que estão os recursos naturais necessários para a sobrevivência, como água, alimentos e matérias-primas.

No contexto atual, a Educação Ambiental, contribuirá para a construção de valores, uma vez que procura, através de situações-problemas, fazer a relação entre os conteúdos trabalhados no âmbito da sala de aula e a realidade do contexto que envolve os estudantes. Estes, por sua vez, passarão a reconhecer que seus atos individuais e coletivos necessitam ser analisados e, muitas vezes, ser mudados para conviver em sociedade, sendo capazes de entender o porquê de os fatos sociais e ambientais acontecerem de determinada maneira e não de outra e, assim, buscar soluções para os problemas que afetam a vida cotidiana.

Fazendo-se necessário que a escola esteja aberta a mudanças, compreendendo que a educação no mundo contemporâneo não pode permanecer no interior da escola, mas ao contrário, deve envolver a comunidade, atendendo às suas necessidades, assumindo a responsabilidade de formar indivíduos críticos, participativos e inseridos no contexto social, sendo importante agregar novos valores e atitudes, desempenhando a cidadania em uma sociedade com inúmeros problemas socioambientais; desmatamento, poluição atmosférica, destruição da camada de ozônio, urbanização, industrialização, aquecimento global, dentre outros que coagiram o mundo, forçando a sociedade a refletir sobre Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, esperamos que os resultados obtidos neste estudo possam proporcionar a quem tiver acesso, um arcabouço de saberes que incentive a realização de novas pesquisas no meio acadêmico, explorando o tema Educação Ambiental e seus subsídios, aproximando a teoria à prática educacional e contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa, plural e, principalmente, voltada para o cuidado ambiental.

REFERÊNCIAS

- BRANCO, Samuel Murgel. *O Meio Ambiente em debate*, Editora Moderna – Coleção Polêmica.
- BOURDIEU, Pierre. *O Capital Cultural*. Éditions de Minuit, 1964.
- BRASIL. Lei nº 9.795, 27 de abril de 1999. *Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, Seção III, Art. 13.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CANDAU, Vera Maria e Moreira, Antonio Flávio. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- CANDAU, Vera Maria. *Cultura(S) e Educação: Entre o crítico e o pós-crítico*, Rio de Janeiro, RJ: DP& editora, 2005.
- CANDAU, V.M. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, nº 37, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782008000100005>.
- CANDAU, V.M. (2005). *Reinventar a escola*. 4. ed. Petrópolis: Vozes.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). *Sociedade, Educação e Cultura(s): Questões e Propostas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental a formação do sujeito ecológico* – 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

DIAS, Genebaldo F. *Educação Ambiental Princípios e Práticas*. São Paulo. Ed Gaia LTDA. 2010.

FORQUIN, J.C. (2000). *O currículo: entre o relativismo e o universalismo*. Educação e Sociedade, vol. 21, n. 73. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0101-73302000000400004>.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1975. DOI: <https://doi.org/10.18764/2446-6549.2019.10355>.

GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. Campinas: Papirus, 1995.

GADOTTI, Moacir. *Desvendando princípios da perspectiva crítica da educação ambiental*. Programa de formação de educadores e educadores ambientais. Programa Nacional de educação ambiental. Ministério do Meio Ambiente. 2000, p. 5.

JACOBI, P. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. In: *Cadernos de pesquisa*, n. 118, São Paulo (SP), 2003, p. 189. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742003000100008>.

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Trad. Lucia Mathilde Endlich Orth. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOUREIRO, C. F. B. *Educar, participar e transformar em educação ambiental*. Revista Brasileira em educação ambiental, Brasília, v.0, n. 0, 2004, p.17.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). *Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MILARÉ, E. *Direito do Ambiente*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.

MCLAREN, Peter. *A Vida nas Escolas. Uma Introdução à Pedagogia Crítica nos Fundamentos da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OLIVEIRA, G. M. de. *Educação ambiental: uma possível abordagem*. Brasília: Ed. do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Renováveis, 1998.

PCNs, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente: Saúde/ Ministério da Educação: Secretaria de Educação Fundamental*. 3. ed., Brasília, 2001.

PELICIONE, M.C.F. *Qualidade de vida das mulheres trabalhadoras das creches conveniadas do bairro Bela Vista do Município de São Paulo*. Tese (Doutorado). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/t.6.2014.tde-17092014-145307>.

PERRENOUD, P. *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PHILIPPI, Arlindo Jr. e Maria Cecília F. P. *Educação Ambiental e Sustentabilidade*. Ed. São Paulo. 2004.

PEDRINI, A. de G. *Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas*. 3. ed. Editora Vozes. Petrópolis (RJ), 2000, p. 269.

REIGOTA, M. Desafios à Educação Ambiental escolar. In: JACOBI, P. et al. (orgs.). *Educação, Meio Ambiente e cidadania: reflexões e experiências*. São Paulo: SMA, 2012. p.12.

RICHARDSON, Roberto J. e RODRIGUES, Luiz A. R. Investigação e Intervenção na Gestão Escolar/ Metodologia do Trabalho Científico. In *Curso de Especialização em Gestão e Avaliação da Educação Pública*. Módulo III. Recife, 2013.

REGO, Ana Rita Franco do; Selva, Ana. *Caderno de Orientações pedagógicas para a Educação Ambiental* – Secretaria de Educação de Pernambuco – 2013.

SADER, E. A ecologia será política ou não será. In: GOLDENBERG, M. org. *Ecologia, ciência e política: participação social, interesses em jogo e luta de idéias no movimento ecológico*. Rio de Janeiro, Revan, 1992, p. 135-42.

SAVIANI, Demerval, *Escola e Democracia*. 34. Ed. Ver. Campinas, Autores Associados, 2001. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo; vol. 5). 94p.

SATO, M. *Educação Ambiental*. São Carlos: Rima, 2002.

SEGURA, Denise de S. Baena. *Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214p.

SILVA, Marina. *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília, Ministério do Meio Ambiente, 2017.

SORRENTINO, M. et al. Educação Ambiental como Política Pública. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1517-97022005000200010>.

TRISTÃO, M. *As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.169-183.

Vigotsky, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes 2005.